

Ética Existencial em Jean-Paul Sartre: o homem e a moral da liberdade

Cléa Gois e Silva

1. Introdução

Ao falarmos de *ética* falamos de imediato da Filosofia. A filosofia pretende lançar seu olhar sobre a totalidade da realidade. É refletir sobre a existência à luz do ser. Ela rompe a moldura do mundo, para lançar-se ao infinito. Mas retorna a finito para se fundamentar no histórico. Ela se dirige ao indivíduo, aos que movidos pela verdade, vivem em comunidade, e acima de tudo confiam uns nos outros. A filosofia nunca chega ao final do horizonte, pois afasta-se na medida em que se aproxima.

E portanto a Ética, como a Filosofia, nunca chegam a seu fim último. Pois sempre surgem novos problemas, novas questões, novos horizontes que nos convidam a sermos eternos caminhantes à busca do ser. Este caminhar, define a própria existência do ser, que é jogado no mundo, é jogado no tempo.

Ética significa aquilo que encontra o ETHOS. ETHOS quer dizer morada, lugar de morar, um lugar de descanso, um lugar de onde partimos. A Ética é uma reflexão sobre o que é bom, e não sobre o bem. A Ética trata das normas das boas ações, e o agir humano é situado em sociedade. A chamada "ética existencialista" é uma negação de que pode haver uma ética; em todo caso, não parece haver possibilidade de formular normas morais, objetivas, fundadas em Deus, na sociedade, na natureza, um suposto reino objetivo de valores ou normas, etc., de modo geral o único imperativo ético possível parece ser o de que cada qual tem que decidir por si mesmo, em vista de sua própria intransferível situação concreta, o que vai fazer e o que vai ser.

2. O existencialismo: Jean-Paul Sartre

O pensamento de Sartre reflete a preocupação existencial de que o homem, colocado pela sociedade, política, família, educação ou pelos hábitos adquiridos numa encruzilhada de múltiplos caminhos, escolhe entre ser covarde ou corajoso, delator ou cúmplice, que aceite ou combata a situação, mas que assuma a responsabilidade de uma opção, atuando ou participando, mesmo que

isto seja inquietante e incômodo.

O método de análise das situações existenciais será o da fenomenologia, embora o próprio Husserl coloque a existencialidade entre parênteses e, portanto, fora do circuito filosófico, para desengajar as essenciais idéias. Mas a evolução da fenomenologia mostra que a sua finalidade consistia em permanecer fiel ao concreto existencial.

Para a realidade humana, existir é sempre assumir o ser, é ser responsável por ele, em vez de o receber de fora. Como realidade humana é, por essência, a sua própria possibilidade, esse existente pode escolher-se a si próprio em seu ser, pode ganhar-se como também pode perder-se. Esse ato de assumir o ser, que caracteriza a realidade humana, implica a compreensão da realidade humana por ela própria, por mais obscura que seja essa compreensão, compreensão que é a sua própria forma de existir. Desse modo, a realidade humana, que sempre é um eu, assume o seu próprio ser, compreendendo-o. Essa compreensão é minha. Sou, portanto, antes de mais nada, um ser que compreende mais ou menos obscuramente a minha realidade de homem, o que significa que eu me faço humano ao compreender-se como tal. Posso interrogar-me, pois, e sobre as bases dessa interrogação poderei ser bem sucedido em uma análise da realidade humana.

É a fenomenologia que vai estudar, sob o plano da manifestação em que todas as ordens da experiência podem se traduzir, este fenômeno da existência humana, pois, existir para consciência é aparecer, e é um aparecer que é preciso descrever e interrogar. Uma vez que a consciência é a própria realidade humana, que assume por si mesma e se dirige conscientemente para o mundo em uma atitude significativa, em cada atitude encontraremos o todo da realidade humana.

Sartre entende por existencialismo uma doutrina que torna a vida humana possível e, por outro lado, declara que toda a verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humanos. O existencialismo afirma que a existência precede a essência, isto é, temos de partir da subjetividade para entender a existência. Para o existencialismo, como Sartre o entende, o homem

primeiramente existe, se descobre, surge no mundo e só depois se define. O homem é não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência; o homem não é mais do que o que faz. Este é o princípio fundamental do existencialismo e, assim, o primeiro esforço do existencialismo será o de analisar o homem na situação em que ele se encontra e atribuir-lhe a total responsabilidade da sua existência, não só individual mas coletiva. Pois se a existência precede a essência e se quisermos existir, ao mesmo tempo em que construímos nossa imagem, esta imagem é válida para todos; escolhendo-me, escolho o homem.

Uma vez que para Sartre, a não-existência de Deus é um princípio fundamental, o homem está abandonado, pois não encontra em si nem fora de si nenhuma realidade a que se apegar. Se Deus não existe não encontraremos diante de nós valores ou imposições que nos legitimem o comportamento. Somos livre, sós e sem desculpa.

E no entanto, o tédio dos dias e das noites monótonas ao longo do triste caminho obscuro onde somente existe escuridão, toda ação duvidosa de um tédio mórbido ao longo de uma caminho deserto, a observação desrespeitosa da falsa importância que se dão os homens na vida cotidiana, tudo isso leva Sartre a concluir que nada justifica a existência. Mas, essa gratuidade não nos livra da liberdade e da responsabilidade, que são da essência do homem. Uma liberdade sem conteúdo torna-se náusea.

Repetindo-se as palavras de Nietzsche: "Deus está morto". Mas para Sartre não é tanto Deus que morreu e sim um conjunto de valores intermediários entre Deus e o homem, um conjunto de mitos e semideuses que os filósofos chamaram valores. Tudo é gratuito, mas, pelo próprio fato de existir, o homem deve sobrepujar essa gratuidade, pois a capacidade pelo bem se encontra na consciência da liberdade e na possibilidade de forjar nossa própria vida. Mas o que fazer com minha liberdade?

A liberdade, sendo essencialmente projeto, tarefa já que não tem essência, deve se fazer, se criar; e, uma vez que é espontaneidade pura, ela é invenção constante. Ser é agir. E enquanto projeto, a consciência se

lança adiante no futuro. O homem se distancia do seu passado e do determinismo e se projeta para o seu futuro.

O problema moral surge em Sartre dentro do contexto da possibilidade de uma recusa de todo valor moral. A partir dessa hesitação, o problema moral se impõe, mesmo no caso de escolher recusá-lo, pois mesmo nesse caso manifesto uma atitude que me engaja moralmente. Mas, ela não impõe nenhuma solução determinada; ela impõe apenas a necessidade de uma escolha e essa escolha deve colocar-se dentro do conjunto de projetos que sou eu e todos os meus projetos particulares, embora não decorram do quadro dessa opção fundamental com o rigor de uma consequência lógica, articulam-se com ele em uma corrente contínua.

3. Ética Existencial

Sartre termina sua obra *O Ser e o Nada*, afirmando que a ontologia deve prolongar-se na Ética de acordo com os supostos da mesma. Seria uma ética que assumiria suas responsabilidades frente a uma realidade humana *em situação*, e cujo método seria a psicanálise existencial como uma descrição moral que nos revelará o sentido ético dos diferentes projetos morais.

Deixou-nos indicadores de sua concepção de uma moral radical da situação, totalmente indiferente às comuns distinções do bem e do mal e que não tem complacência com as mais desprezíveis atitudes da delinquência humana. E adverte aqui que tal psicanálise existencial deve descobrir agente moral por quem todos os valores existem. É então quando sua liberdade terá consciência de si mesma e se descobrirá na angústia como a única fonte do valor e o nada pelo qual o mundo existe. Daí que todas as atividades humanas são equivalentes, já que todas estão condenadas, em princípio, ao fracasso. Assim, resulta o mesmo embriagar-se solitariamente ou conduzir povos e pode suceder que o quietismo do embriagado solitário predomine sobre a agitação vã do condutor de povos.

Segundo Sartre, os filósofos franceses até 1880, suprimiram Deus como uma hipótese inútil e custosa, trataram, no entanto, de constituir uma moral laica, considerando necessário certos valores como existindo a priori: tem que ser obriga-

tório a priori ser honesto, não mentir, etc. O existencialista, ao contrário, pensa que é muito mais modesto que Deus não exista, porque com Ele desaparece toda possibilidade de encontrar valores em um céu inteligível; não pode dar-se o bem a priori se não há consciência infinita que os pense; e não está escrito em nenhuma parte que o bem existe, que há ser honesto, que não se deve mentir.

O fundamento teórico deste amoralismo ou ausência de toda norma normal é, a parte da negação de Deus, e o fato de que o homem é livre, de que é liberdade. Que a escolha seja completamente livre, significa que não tem nenhuma normatividade alheia, que toda norma e todo valor nascem dela e por ela, e vale somente dentro dos limites do projeto concreto que dela surge. Nas situações difíceis em que é preciso escolher, nenhuma moral escrita pode dizer decisão há que se tomar, e os homens escolhem movidos por alguma emoção ou sentimento. Eu não posso pedir a uma moral os conceitos que me permitam realizar. E é que as decisões concretas dependem somente da liberdade de um em cada situação. Sois livre, eleito, isto é, inventado. Nenhuma moral geral, pode-lhes indicar o que há de fazer. Quando os chefes responsáveis se encontram, na angústia da decisão, ante uma pluralidade de possibilidades e escolhem uma, se dão conta de que esta não tem valor senão por que foi a escolhida.

Em definitivo, o homem não é mais que um projeto, não existe mais que na medida em que se realiza e não é, portanto, outra coisa senão o conjunto de seus atos. E se o homem se constrói constantemente mediante a escolha e se define pela ação, somente tem a ver com uma **moral de ação e de compromisso**, posto que se compromete mediante a escolha. O absoluto da escolha não suprime a relatividade de cada época e cada indivíduo se realiza dentro da relatividade do conjunto cultural em que se encontra. **O homem se faz, não começa feito do todo, e se faz escolhendo sua moral, e a pressão das circunstâncias é tal que não pode escolher senão uma, pois sua escolha é sempre uma escolha em uma situação.**

Sartre declara, que a liberdade em cada circunstância concreta não pode ter outro fim que a si mesma, porque **o homem põe sua liberdade como fundamento de todos**

os valores. Somente exige a autenticidade e boa-fé para validade moral desta liberdade total, chamando de covardes e indecentes aos que se escudam da má-fé (eu minto a mim mesma e creio na mentira que a mim mesma digo. Eu sou, portanto, simultaneamente enganador e enganada: como enganador conheço a verdade que dissimulo a mim mesma, como enganada) sob qualquer pretexto de determinismo ou necessidade passional. As mesmas condutas opostas perante uma decisão concreta são equivalentes se em ambas se pôs como fim a liberdade. E aos que repudiam os valores assim inventados, Sartre responde que a vida não tem sentido a priori, que é preciso dar-lhe sentido, e o valor não é outra coisa que este sentido que dá ao escolher e viver a vida mesma.

Com estes argumentos tem dado Sartre suficiente expressão à teoria ética que brota de sua filosofia e que pode qualificar-se como uma radical **moral da liberdade**, sem normas, nem leis que emanam da exigência ou compromisso de realizar-se a si mesmo na situação que assumiu ou ter-lhe sido imposto ser livre, porque tudo o que faz sempre é bom. É a que tem inspirado as atitudes e motivos da moral existencialista, livre e permitida.

Os valores emergem com a própria emergência do homem. Estes não são, na verdade, completamente relativos ao homem, na medida em que representam algo que não é determinado pelo homem, algo que está para além do homem. Ao homem é dado acusar pressões dos valores; ao homem é dado escolher e agir com base em valores. O homem não é idêntico a si mesmo: o seu ser está dinamicamente e problematicamente aberto a um não-ser que não está determinado de modo necessário e a priori. O homem vive na dimensão do possível, e o possível tal como o valor, existe apenas enquanto existe o homem. O possível existe na medida em que o homem não se reduz a si próprio, mas é, faz-se.

Cléa Gois e Silva

• Mestre em Filosofia - PUC/RJ

• Professora do Departamento de Filosofia IFCH/UERJ

• Coordenadora do Núcleo de Extensão do IFCH/UERJ